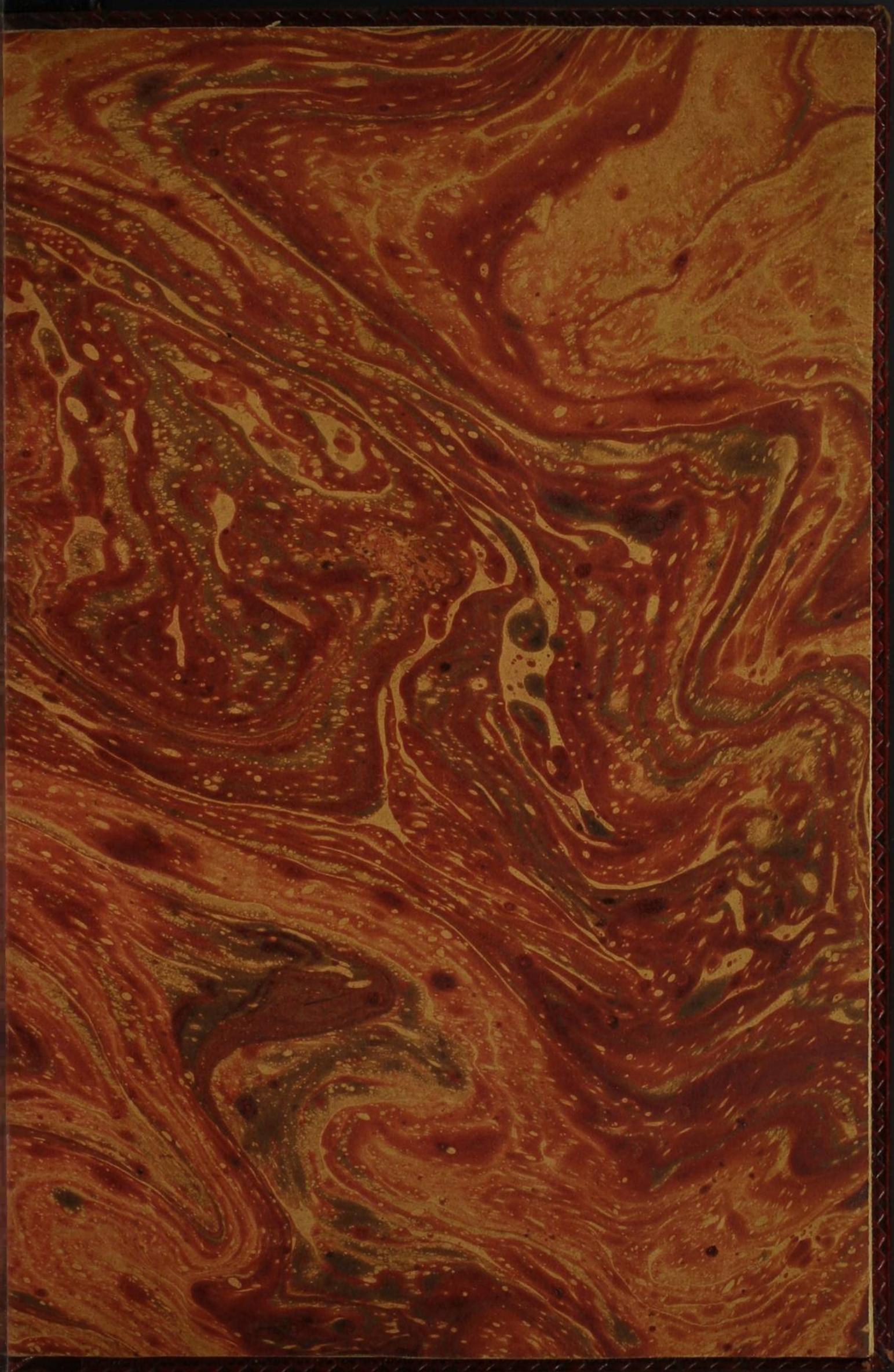
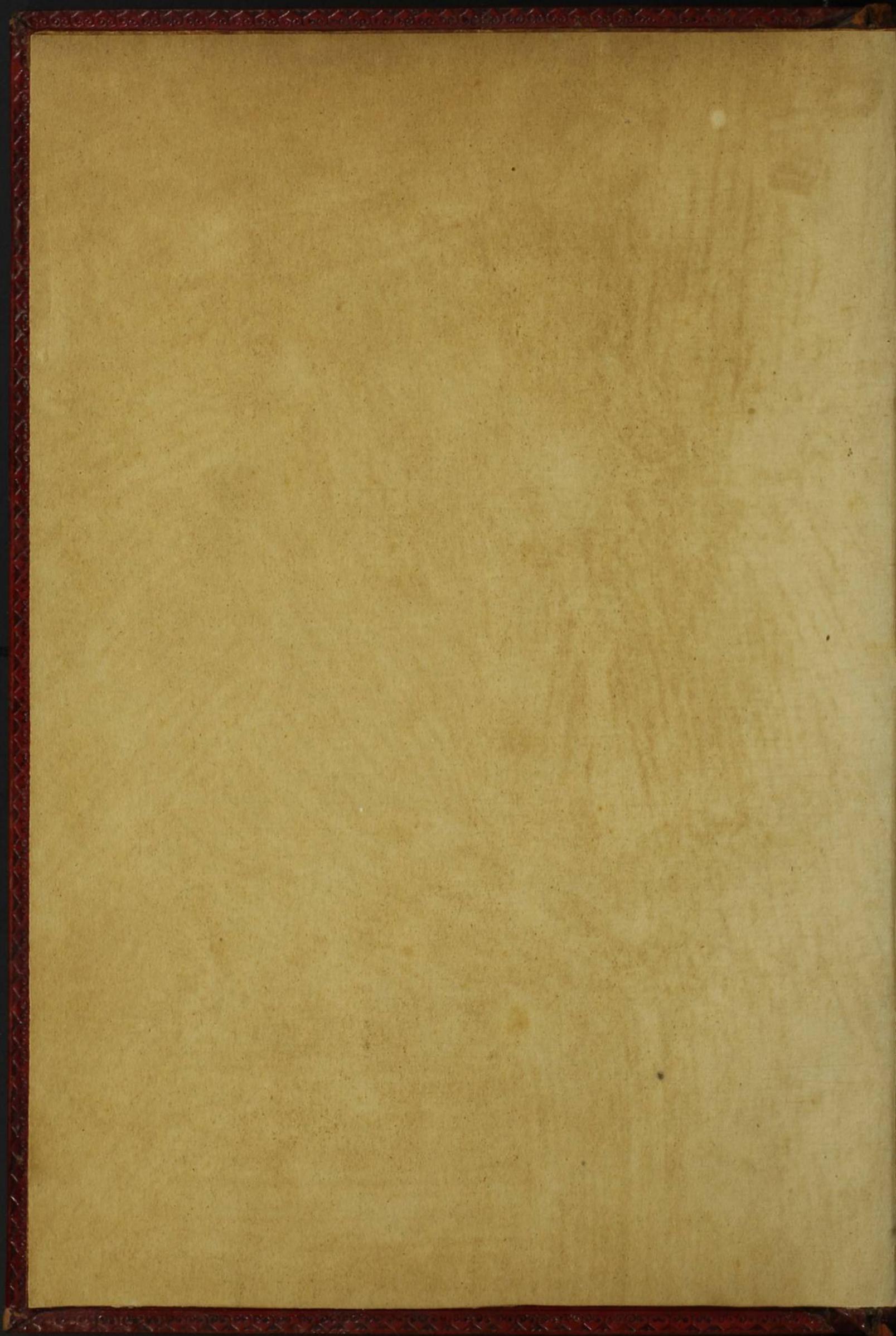


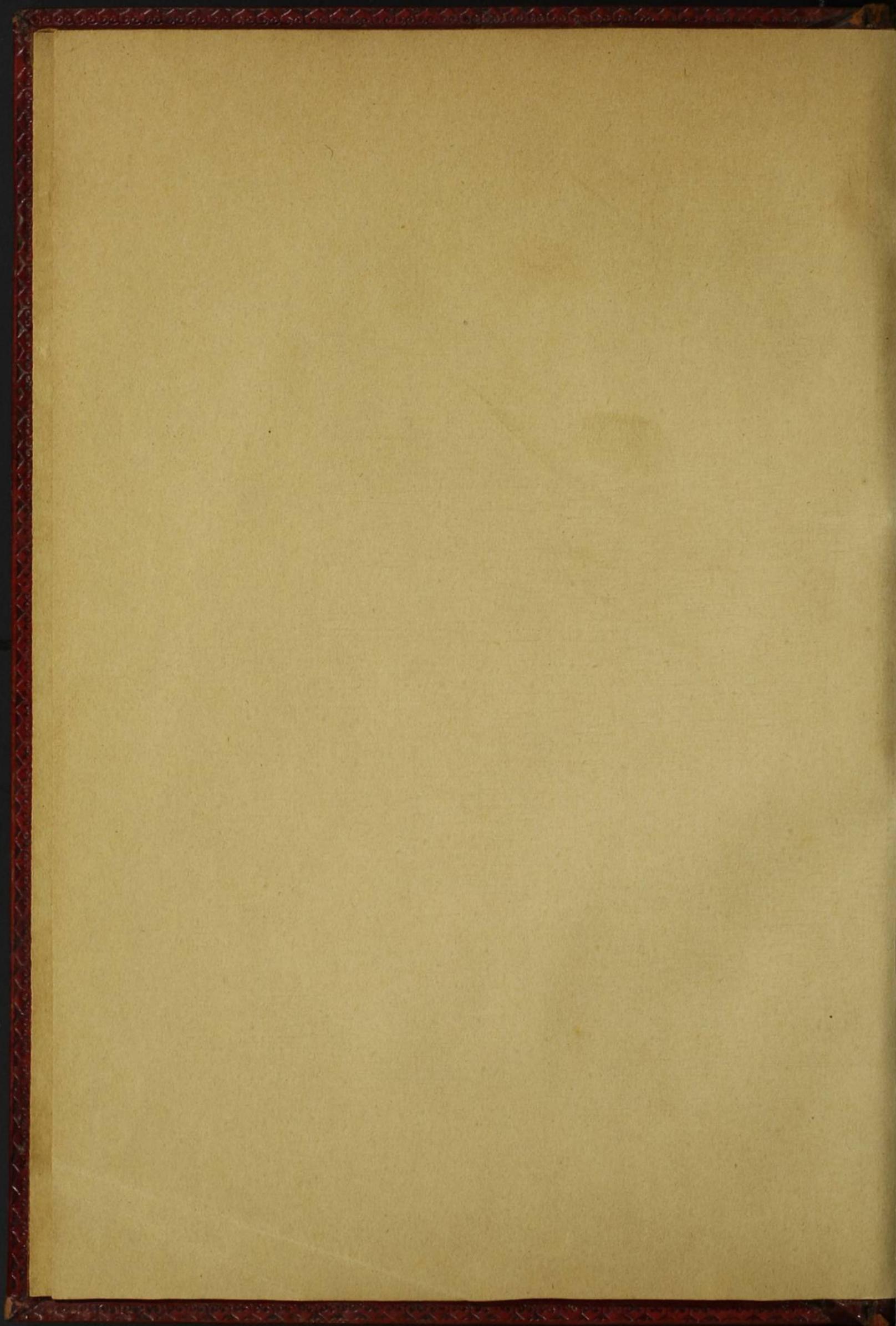
EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W.







Catal 547

A DISCORDIA AJUSTADA,
ELOGIO DRAMATICO

PARA
MANIFESTAÇÃO DO REAL BUSTO
DO SENHOR

D. JOÃO VI.

NOSSO LEGITIMO E NATURAL SENHOR,
NAS FESTAS,

QUE POR MOTIVO DA SUA EXALTAÇÃO SE FAZEM EM VILLA
BOA DE GOXAZ, EM OUTUBRO DE 1818, GOVERNANDO
ESTA CAPITANIA

O ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO
FERNANDO DELGADO FREIRE DE CASTILHO,

POR

LUIZ ANTONIO DA SILVA E SOUZA,
Presbitero Secular, rezidente na mesma Villa.



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1819.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

PERSONAGENS.

JUSTIÇA. *Virgem com azas, sustentando na esquerda a balança, e na direita a espada.*

PORTUGAL. *Guerreiro, vestido de Armas antigas, tendo na esquerda o escudo das Armas de Portugal, e na direita a Lança.*

BRAZIL. *Indio vestido ricamente de Plumas, e arminhos, armado de arco e seta, tendo na Cabeça hum Cocar com as Armas do Brazil.*

A Scena se representa ás portas do Templo da Gloria, que apparecem fechadas.

SCENA II.

Portugal sahe da esquerda, e o Brazil da direita seguidos, este de Indios armados, e aquelle de Soldados, ao som de huma marcha, e depois de circularem o Theatro, fica na frente Portugal á direita, e o Brazil á esquerda, arranjado desorte o Sequito que fique livre a Porta do Templo.

Portugal.

NINGUEM póde igualar-me no Heroismo:
Eu devo anticipar-me a render culto,
A render a homenagem mais sincera
Ao Pay da Patria, que he da Lizia a gloria,
Brazil.

Eu sou, que a ninguem cedo hoje na Gloria,
Na Lealdade, amor, e acatamento,
Que se deve ao melhor dos Soberanos:
Devo o primeiro ser a dar-lhe incenso.

Portugal.

Eu devo abrir o Templo (1)

Brazil.

Eu primeiro entro. (2)

Portugal.

Eu tenho a meu favor a antiguidade.

Brazil.

Eu tenho a posse: he este o meu direito.

Portugal.

E tú quem és, que os passos me suspendes?

(1) Encaminhando-se.

(2) Oppondo-se.

Brazil.

E quem és tú, que a honra, me disputas?

Portugal.

Sou Portugal de heroicos pensamentos,
 Que des d'o berço a gloria me reveste:
 Que o Nome Excelso dos Monarchas Luzos.
 Sobre as azas da Fama hei conduzido,
 Vencendo Adamastor, do Tejo ao Indo:
 Sou Portugal, que firme em lealdade
 „ Des da Occidental praia Luzitana „
 A's mais remotas partes do Universo.
 Meu renome immortal tenho levado
 Das Armas Affensinas amparado.

Brazil.

E eu sou o Brazil bem conhecido,
 Inveja dos vizinhos, e distantes,
 Habil de engenho, fertil de recursos,
 Fecundo em ouro, de productos rico,
 Em que se erige o Solio Magestoso,
 Que deve dominar á toda a terra:
 Sou o Brazil agora reanimado
 Do Grande Rei com a Prezença Augusta
 Para rivalizar ás Nações todas:
 Que estou prompto a sellar com o proprio sangue
 O amor, que devo ao Throno Luzitano,
 Procurando outros Mundos (se inda existem).
 Para a elles levar em fausto agouro
 O Globo azul, que tem as Zonas d'ouro

Portugal.

Na infancia da razão, da natureza,
 Já queres disputar a minha gloria?

Brazil.

A gloria já ganhada assaz te sobra.
 Chegou a minha vez (coizas humanas!).
 Tambem sou Portuguez, e sou Vassallo.

Que devo assignalar-me aos Pés do Throno.
 N' hum recanto da Europa te encerrarão ;
 Eu quazi sem limites sou immenso ;
 Vê pois quem deve ter a preferencia ?

Portugal.

Não consiste a opulencia de hum Estado
 Em a vasta extensão de terra inculta ;
 Porém só no vigor dos braços uteis.
 Eu braços tenho , e sem igual industria. . . ?

Brazil.

Braços , e industria fórma a hum leve acceno
 O Monarcha , que eu tenho , Sabio , e Justo.
 O Monarcha , que he Pai mais que Monarcha ,
 Tira do pó da terra Heroes Gerreiros ,
 Como os dentes de Cádmo espargidos.

Portugal.

Estranho a liberdade com que fallas.
 Não fui eu que te dei a luz nas trevas ?
 Não te rasguei a venda da ignorancia ?
 Não és minha Conquista ?

Brazil.

Fui não nego ;
 Mas essas distincções , que me affligião ,
 Hum Diploma immortal tem acabado.
 Portugal , e Brazil com o Algarve
 Formão hum Reino Unido gloriozo ,
 Que todas as Nações já reconhecem ,
 Sendo qualquer das partes deste todo
 Igual na honra , igual na Vassalagem.

Portugal.

Igual ! em que ? Quem sou , quem és , conhece :
 E se ao Imperio da razão não cédes ,
 Tens de medir o arco com a lança ,
 Qu o Mundo reconhece formidavel. (1)

(1) Meneia a lança.

Brazil.

D'este arco retorcido solta aos ares
Minha implumada seta nada teme:
Em o fel de hum Dragão foi temperada,
Para onde quer que for, levar a morte:
E hoje á sombra do Astro, que a domina,
Não deve recear qualquer empreza. (1)

Portugal.

Eu quero entrar no Templo (2)

Brazil.

Entrar eu devo (3)

Portugal.

Supporta as minhas iras, temerario. (4)

Brazil.

Do meu valente braço as forças prova. (5)

SCENA III.

Justiça.

QUE intempestiva colera vos move?
Farta de sangue, de carnagem farta,
Com que a faminta Guerra a Europa enlucta:
Escoltada da Peste, e da Penuria,
Os fructos da alma Ceres destruindo,
Tornando em Solidões os povoados,
Removendo a bonança dos Estados
Robando Scetros, derribando Thronos,

(1) Apronta a seta.

(2) Andando.

(3) Oppondo-se.

(4) Ergue a lança.

(5) Aprompta a seta. A Justiça os interrompe neste ponto, e se coloca no meio.

Aborrecí a humana sociedade,
 Ao Zodiaco fui batendo as azas
 Collocar entre os Signos meu assento.
 Hoje, que volto á terra afortunada,
 Para me unir ao Throno das virtudes,
 Inda hei de ver o pomo da Discórdia
 Rollando entre os Mortaes n'hum dia fausto?
 Que intempestiva colera vos move?
 Se hum laço fraternal vos une, e prende,
 O que intenta a Discórdia detestavel,
 Quando começa a Epocha famoza,
 Que faz a Luzitania venturoza?

Portugal. (1)

Conduzido do amor, da Lealdade,
 Que tenho por brazão, e como herança,
 Aos Ecchos dispertei da veloz fama,
 Que JOÃO SEXTO, o Grande preconiza.
 Atravessei o Tropico, e contente
 Sem recear as furias de Neptuno,
 Apressado cheguei ao Clima adusto
 A render a homenagem, que se deve
 A' Prole de Bragança ao Throno erguida.
 Quando ao Templo da Gloria me avizinho
 A pendurar os votos, que conduzo,
 Este Joven imberbe se adianta,
 Falta ao decóro á minhas cans devido,
 Quer a honra, que tenho merecido.

Brazil. (2)

O Ceo Clemente aos votos repetidos,
 Que humilde lhe enviei por tantas vezes,
 Concedeo maior bem, do que esperava.

(1) Inclinando a lança.

(2) Afrouxando o arco.

Quando dias de ferro o equilibrio
 Dos Estados do Norte perturbavão,
 Conduzio para bem da Europa toda
 Debaixo da Direita Omnipotente
 O Primeiro Reinante do Universo,
 Que firmou Real Planta em meu terreno,
 Em que se erige o Throno Magestozo.
 No Coração recebo alvoragado
 Toda a Real Progenie, Augusto Germen,
 Donde tem de brotar Augustos Ramos,
 Para Leis, e costumes dar ao Mundo.
 Desde este Dia, que marcou a Historia,
 Ninguem disputar deve a minha Gloria.

Justiça.

Queres que essa illuzão vos patentée?
 Sereis do meu arbitrio satisfeitos.

Portugal.

Sim, Deoza; mas deveis antes ouvir-me,
 Attendendo ás razões, em que me firmo.

Brazil.

Eu tambem devo expor o meu direito;
 Pois indefêzo arbitrios não acceito.

Justiça.

Sepultai de huma vez rixas antigas;
 Sede concizos; e corramos prestes
 De hum sagrado dever ao desempenho.

SCENA IV. E ULTIMA.

Portugal.

SAbeis, que devo aos Gregos minha origem,
 Que sou do Sabio Ulisses descendencia,
 Que me ensaiei de Marte na Palestra
 Desde Affonso o Primeiro Grande, Invicto

**

Despedagou o jugo Mauritano :
 Sempre em Gloria crescendo ; em probidade ;
 Debaixo dos auspicios do Ceo dados
 Me erguí entre as Nações , bem como o Cedro
 Entre humildes arbustos se levanta :
 Sabeis que para mim arduos projectos
 Nada tem de impossivel , se os arrostro ,
 Mal chego a qualquer parte , vejo , e venço :
 Que eu mesmo fui sem afrouxar na honra
 Quem deo mundos incognitos ao Mundo
 Encadeando ao Carro do Triumpho
 Tangere , Ceuta , Tetuão , e Arzilla ,
 Dilatando o meu nome incomparavel
 Desd'onde o fusco Atlante aos Astros se ergue
 The onde o Mar da Persia a Costa cerca :
 Que o Tejo ornei do Ganges com as palmas ,
 Enviando Varoens assignalados
 A tomar o Tridente ao Deos dos mares :
 Por mim guiados , Castros , e Albuquerque
 Colherão os despojos do Oriente :
 Moçambique , Mombaça , Ormuz , e Gôa ,
 Maláca , e Calecut , Dia , e Surrate
 Conhecerão Silveiras , e Furtados ,
 Linas , Souzas , Correias , e Botelhos ,
 Quando fiz floriar as Luzas Quinas
 „ Ainda além das novas Felippinas „
 Que eu enviei Cabral o denodado ,
 Que descobrio a Terra afortunada ,
 Que hoje quer emular á minha Gloria :
 Sabeis que sou fiel ao Luzo Throno :
 Que sempre conservei dentro em meu seio
 Por mais de sette seculos ditozos
 Vinte e trez soes da Esfera Portugueza :
 Que eu fui . . . mas basta . Voz sabeis , ó Deoza ,
 Quem eu sou ; as razoens , em que me escudo :

Sou Portugal honrado, e disse tudo.

Brazil.

Digno de hum Throno fez-me a natureza;
 Pois incerco em meu seio dilatado
 Quanto o Universo tem de mais preciozo
 Para augmentar a Gloria Luzitana.
 Já mil Thezouros dei, e mil rezervo
 Para sempre adornar o Solio Augusto;
 E hoje á sombra do Astro, que me anima,
 De quem já recebi nova influencia,
 Convertida em industria a negligencia,
 A fraqueza em valor, em luz as trevas
 Quero abollir na Historia os Grandes Nomes
 De Assirios, Persas, Gregos, e Romanos.
 Eu sou quem reverente aos Pés do Throno,
 De amor, e de respeito em testemunho,
 Venho a ofertar os nitidos tributos
 Do Serro Paraguai, e Rio Claro,
 O metal louro de hum Paiz immenso,
 Os favos de Hibla, de Pomona os fructos,
 E corações fieis ao Real Mando.
 Tão mesquinho não he meu Continente,
 Não he tão pouco falto de talentos,
 Que almas reconhecidas não produza,
 Que na paz, e na guerra ao Throno sirvão,
 Que tenho generozos sentimentos:
 Os mesmos, que arrostrarão com as feras,
 Com homens mais brutaes, que os mesmos brutos,
 A sugeitar Nações ao Real Throno,
 Se são ou não firmissimas columnas
 Immoveis na adhezão ao Soberano,
 Quando o exige o bem da Monarchia;
 Os Gallos o dirão, e os Hollandezes,
 Quando ávidos entrarão meu terreno,
 Se virão Viriatos, e Sertorios?

Digão se fui fiel ao Nosso Augusto?
 Se posso suportar jugo estrangeiro?
 Se a substancia poupei, se poupei sangue,
 Conhecendo em perigo a Patria amada?
 Se prompto ao Real Mando, que respeito,
 Não corri, não voei de ferro armado...?

Justiça.

Basta: outras provas não escuto agora.
 Sciutilla o Ceo propicio desta parte, (1),
 Presagia aos mortaes dias serenos:
 Convem gratulações, convem concordia.

Não he tão breve a gloria do Monarcha,
 Que ao Throno tem subido, que lhe baste.
 Portugal, ou Brazil, a quem domina:
 Abrange as quatro partes do Uuiverso,
 Que o Scetro Luzitano senhorêa.

Quando por mil caminhos differentes
 Alguns mortaes ao Throno tem subido,
 Huns levados da gloria dos maiores,
 Outros do nascimento, e da ventura;
 Huns abrindo o caminho com a espada,
 Outros com profuzões ganhando os votos;
 Aos Inclitos JOOENS, JOÃO succede
 Na Virtude, no Throno, Nome, e Gloria,
 De Peito Heroico, e Mente Sublimada,
 Gloria do novo Mundo dilatado,
 Delicias da Azia, d' Africa, e da Europa,
 Que de virtudes orna o Scetro Augusto,
 Que sabe unir Amor com a Magestade.
 O lugar do seu Throno o Ceo designa,

(1) Apontando para a direita.

Que attende ao maior bem da humanidade:
 Portugal ao Brazil deo luz the agora,
 Hoje o Brazil dá luz a todo o Mundo,

C'roado de tropheos de honra, e de gloria
 Portugal já gozou por longos annos
 Do assento principal da Monarchia;
 Hoje em dia o Brazil do mesmo goza,
 Que vai a Portugal dar nova gloria.
 O Ceo o manda: obedecer-lhe cumpre.

Convem por tanto que concordes sejam;
 Porque as forças dispersas se quebrantão,
 E invenciveis se tornão sendo unidas.
 No serviço do Throno Luzitano.

Portugal, e Brazil em harmonia
 Formem hum todo, que as Nações respeitem:
 Membros do mesmo Corpo glorioso,
 Iguaes na honra, sigão de mãos dadas
 A prestar homenagem junto ao Throno:
 Vede que a Fama diz = Real, Real,
 Pelo Monarcha justo e liberal!
 Acompanhai o seu festivo acento,
 Como he proprio da honra Portugueza.
 Já sabeis a estrada do Heroismo,
 Segui promptos. Eu vou abrir o Templo,
 E dai unidos da lealdade exemplo (1)
 Portugal, e Brazil. (2)
 Em nossos Corações e na vontade
 Reine do Nosso Augusto a Magestade. (3)

(1) Vai-se, e se colloca no Templo entre as Virtudes que cercão o Throno.

(2) Dando-se as mãos dizem

(3) O mesmo repete todo o acompanhamento. Soão.

C O R O.

A' Gloria do Augusto
 Com as mãos unidas
 Offrecem as vidas
 Brazil, Portugal:
 Em doce concordia
 Leaes, reverentes
 Se inclinão contentes
 Ao Throno Real.

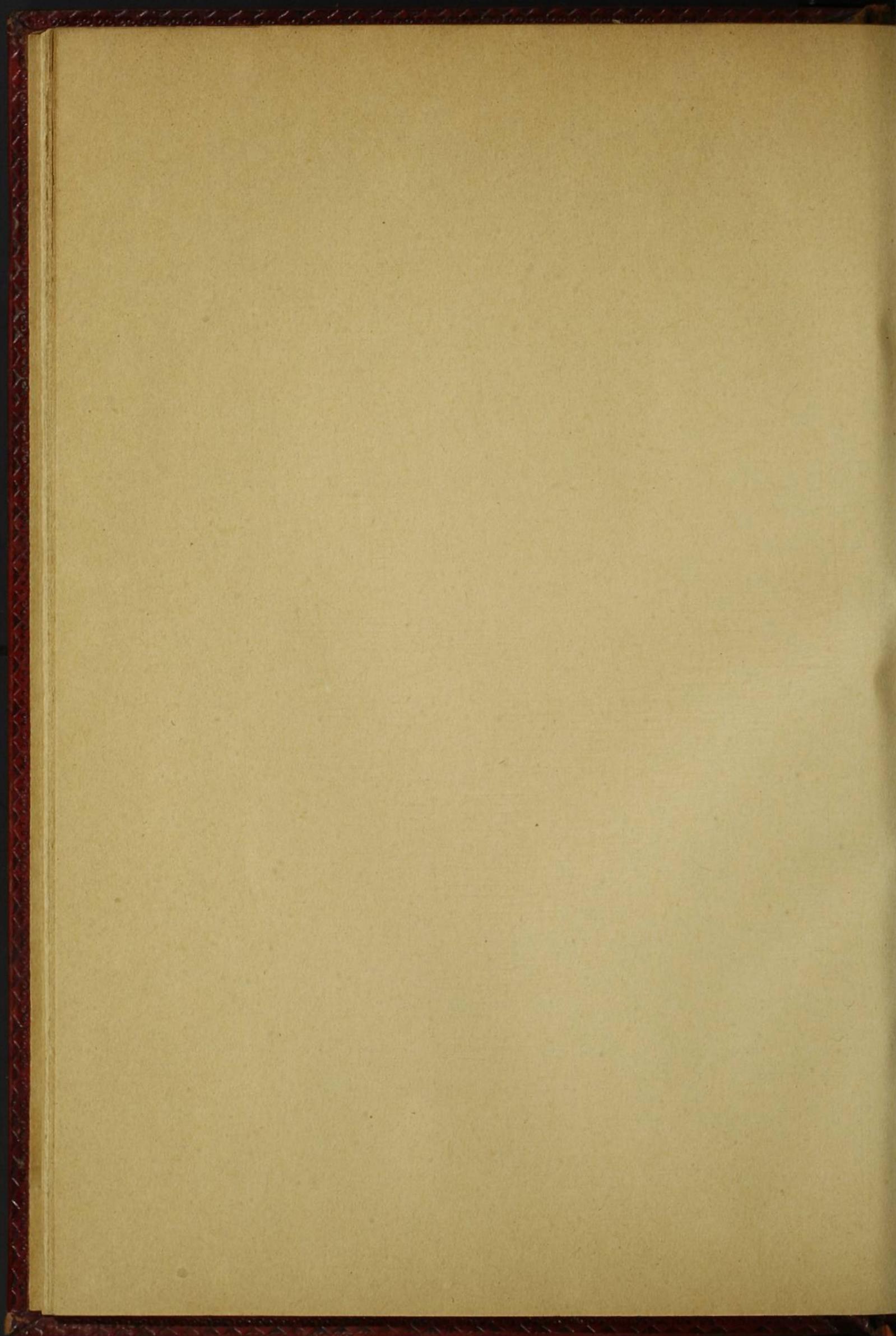
os instrumentos, marcham em ordem como no principio;
 e quando chegão ao Templo, as portas se abrem, aparece
 illuminado o Retrato de Sua Magestade tendo no Throno
 a Letra seguinte:

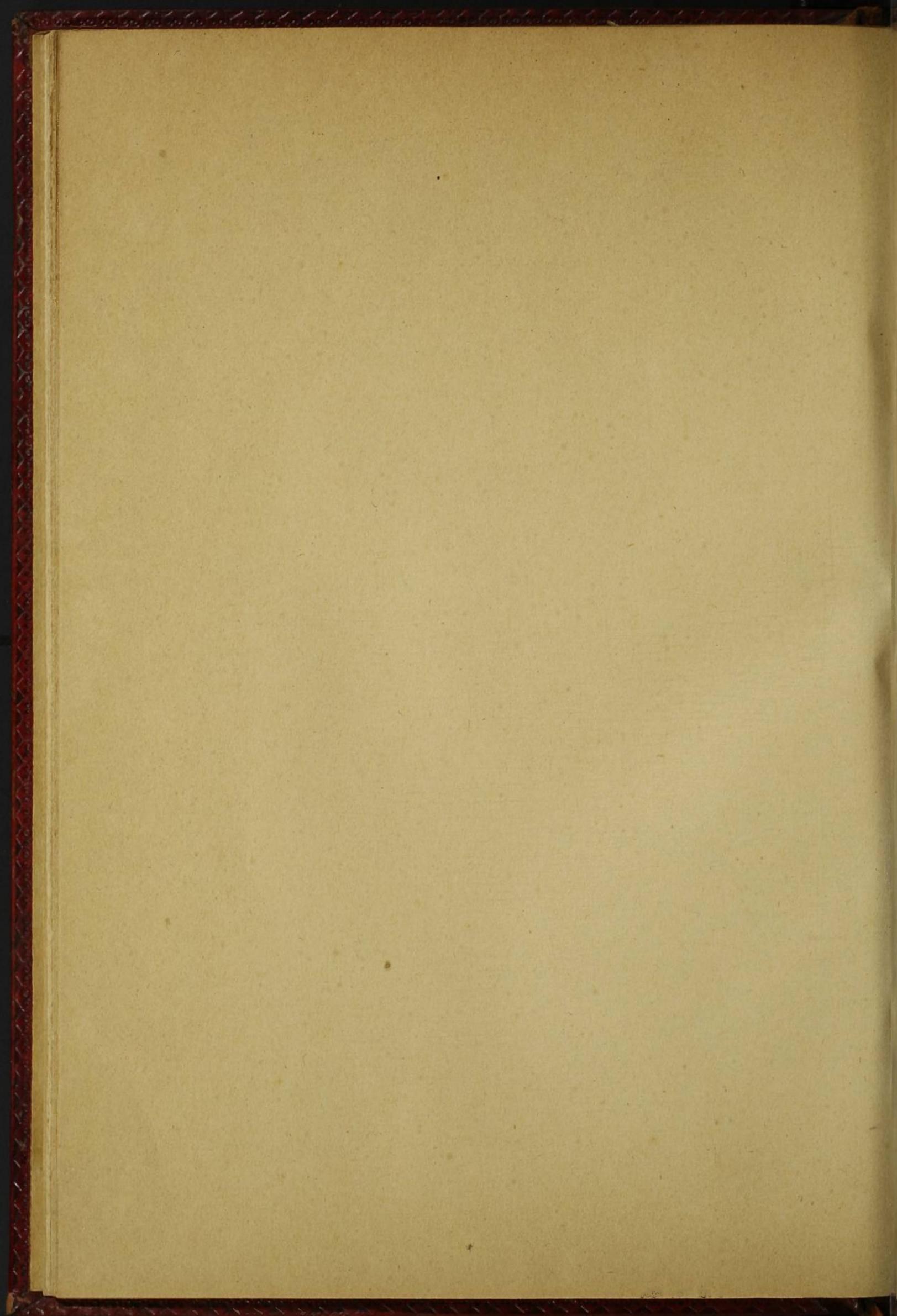
*Huma Epocha brilhante principia
 Para gloria immortal da Monarchia:
 O Senhor D. João Sexto do Ceo dado
 Vem fazer o seu Reino afortunado.*

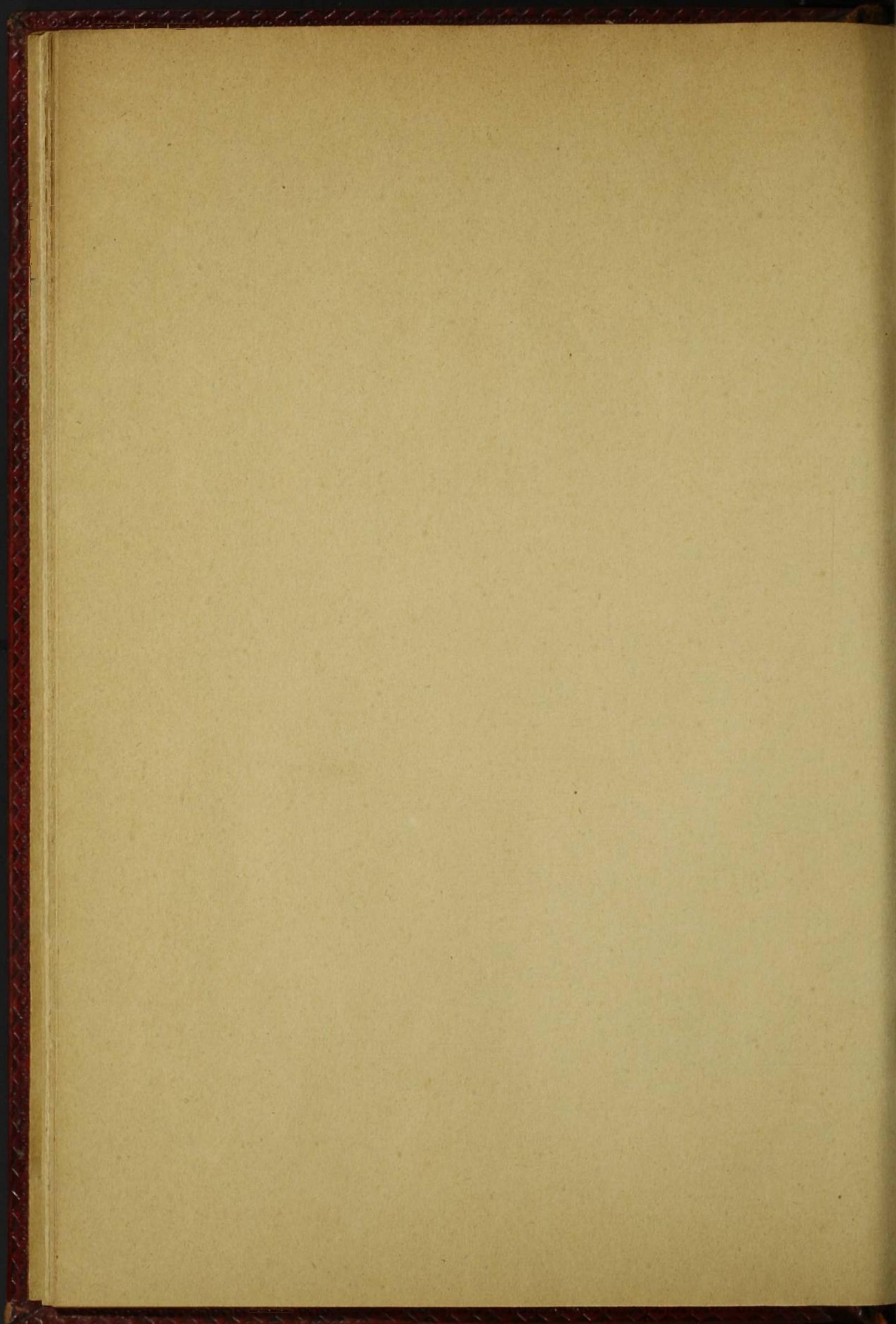
Na baze em que se firma o Throno estará da mesma
 sorte illuminada huma Pira acceza, em que ardão dous
 Corações com a letra:

Virtus Unita.

Portugal, e Brazil assim que chegão ao Throno se
 ajoelhão, e depoem as armas, e as insignias. O mesmo
 faz todo o acompanhamento, e então se segue o côre
 assima,







001154

